

Cotrim promete mudar a história do Cine Brasília

A reunião de quinta-feira com o secretário de Cultura, Márcio Cotrim, e a Sociedade Amigos do Cine Brasília não foi como outra qualquer. Ali, foram definidos pontos importantes para o futuro da sala de cinema de arte mais movimentada da cidade. De Cotrim, surgiu a promessa acalentadora de que Brasília não vai, a partir do próximo ano, ficar de fora dos grandes eventos nacionais. Ou seja, mostras de cinema importantes como a de São Paulo, organizada por Leon Cakoff, teriam eco em Brasília; nem que viesssem resumidas. Mais do que isso, a Sociedade teve o apoio

formal do secretário para a criação do Conselho de Programação.

Não é de hoje que o assíduo público do Cine Brasília reclama da programação da sala. Afinal, está acontecendo lá um fenômeno nada agradável: a repetição de filmes e a exibição de obras que foram sucesso no circuito comercial e ainda repercutiam na cabeça do público. Fitas recentes como *Mississipi em Chamas*, de Alan Parker, programado na semana passada. Em artigo do tradutor Hugo Sérgio Mader, publicado no **Jornal de Brasília**, ele fez uma análi-

se detalhada da programação e põe mais lenha na fogueira: reclama da diminuta quantidade de filmes nacionais exibidos nos dois últimos anos.

Segundo os cálculos de Hugo Mader, de 2 de setembro de 1988 a setembro de 1990 foram exibidos 255 títulos no Cine Brasília, "perfazendo 2.979 sessões". Cinquenta e um deles eram norte-americanos, 36 eram franceses, 33 italianos, 12 suecos, 10 britânicos e apenas 28 brasileiros. E complementa: "A atual direção do Cine Brasília não tem qualquer compromisso com o cinema brasileiro —

nem mesmo legal. É 1x10 o placar do Antibrasil".

O atual programador da sala, José Damata, defende-se dizendo que hoje está trabalhando sozinho na assessoria de cinema da Fundação Cultural. "Até um ano atrás, havia seis pessoas trabalhando aqui. Agora eu sou tudo, programador, produtor, divulgador... Não dá". Segundo ainda ele, atualmente é muito difícil conseguir filmes de arte para exibição pública: "O mercado distribuidor para o cinema de arte e cineclubes está completamente liquidado". E isso, de acor-

do com Damata, estende-se para o cinema nacional: "Com a liquidação da Embrafilme, a gente só consegue fita nacional se tiver uma cópia na mão dos co-produtores".

O diretor-presidente da Sociedade entende que o espaço deve promover mais a exibição de filmes representativos, que raramente chegam ao circuito. E dá exemplos: a obra-prima badaladíssima de Wim Wenders, *Asas do Desejo*, que até hoje não chegou a Brasília, e a versão de *Carmem*, do italiano Francesco Ro-

si. Para incrementar a programação do Cine Brasília, a Sociedade está tentando um credenciamento junto ao *Museu Internacional do Filme*, dono de um dos maiores acervos do mundo.

Mas o passo mais sério para mudar a "repetitiva" programação do cinema é a criação do Conselho Consultivo, que recebeu o apoio do secretário Márcio Cotrim e logo deve ser oficializado. Damata gostou da novidade: "O conselho é muito bem-vindo". Agora é só esperar pelas mudanças.